

Manuel Maria Carrilho

Um livro corajoso



PRO MEMORIA

EUGÉNIO LISBOA

Manuel Maria Carrilho, professor catedrático de filosofia, ex-ministro da Cultura, deputado e, no ano passado, candidato à presidência da Câmara Municipal de Lisboa, acaba de publicar um livro: *Sob o signo da verdade*. O livro, de um modo geral, «caiu mal» no meio de uma comunicação social, que, de um modo quase sistemático, lhe foi hostil. Hostil, agora, ao livro, como tem sido hostil ao homem, ao seu percurso, ao seu casamento, às suas intervenções públicas, à sua vida privada, aos livros que publica, às intervenções que faz na rádio ou na televisão. Hostil, porque o acha vaidoso, arrogante, convencido, inteligente, sim, mas...

Diante deste arraial de críticas, farpas e mosquetes disparados à tripa forra, decidi ir ler o livro. A mim parecera-me sempre que Carrilho cabia mais na categoria daqueles indivíduos de quem os ingleses costumam dizer, numa deliciosa quase-litote: *He has no time for fools* («Não tem pachorra para idiotas»). Claro que este tipo de personagem se torna um óbvio irritante num meio social em que os idiotas com presunção e poder abundam: com especial teor de presença na comunicação social que é, como se sabe, uma das mais bem municiadas fábricas de ficções: Dizia Montherlant, com saber de experiências feito, que a melhor maneira de andarmos mal informados é lermos jornais (não falava em televisão porque esta não existia na altura em que publicou o seu famoso texto *L'Âme et son Ombre*).

A mim, sem preconceitos de qualquer espécie (fa-lei, na vida, duas vezes com Manuel Maria Carrilho e não tenho com ele qualquer especial afinidade), o livro do autor de *Crónicas Intempestivas* surpre-

endeu-me, por duas fundamentais razões: por ser de uma leitura empolgante e por me suscitar reacções que se situam exactamente nos antípodas daquelas que tem suscitado à comunicação social, de um modo geral. Carrilho é acusado de se «julgar» inteligente, mas ele é, obviamente, inteligente; de ser convencido e arrogante, mas o livro – sobre a campanha à presidência da Câmara de Lisboa – inclui, no final, uma lúcida e até áspera autocrítica (que ninguém leu, pelos vistos); é acusado de não ter ideias, mas aquilo que no livro se transcreve – e é só uma pequena parte – do seu programa eleitoral é um fascinante fervilhar de ideias que se organizam num magnífico projecto para Lisboa – de tal forma, que a sua incrível derrota nos deixa, a muitos de nós, num estado de incurável melancolia. De resto, acusar um homem de categoria intelectual internacionalmente reconhecida de «não ter ideias» é um exemplo fulgurante daquela «coragem de afirmar» que entre nós abunda e Eça tão galhardamente fulminava.

O mais interessante do livro – e altamente significativo da deontologia que preside, entre nós, a jornais e televisões (mesmo aos autoproclamados de «referência») – é o modo como implacavelmente desmonta a fabricação de «factos» e a criação de «mitos» que, mesmo depois de provados falsos (às vezes, na prova de fogo dos tribunais), persistem vivos e actuantes e preservadores de uma imagem que eles ajudaram a construir e que deles continua a abonar-se, mesmo depois de demolidos. Sim, diz-se, talvez tudo aquilo não seja lá muito verdadeiro, mas... Talvez seja mesmo falso, mas... Talvez a comunicação social tenha sistematicamente ignorado o seu projecto e as suas ideias, concentrando-se em fofuques e ninharias, mas o tipo tem um feitio difícil e portanto temos todo o direito de achar que não tem ideias. Ou, se tem ideias, para que foi casar com uma mulher tão



Manuel Maria Carrilho

“O livro surpreendeu-me, por duas fundamentais razões: por ser de uma leitura empolgante e por me suscitar reacções que se situam nos antípodas daquelas que tem suscitado à comunicação social em geral”

bonita? Coisa ignóbil, convenhamos. A verdade é que o fogo de barragem anti-Carrilho não tem consistência muito mais séria do que isto. Como e porque se construiu tal teia de mentiras e fantasias que persistem em perseguir o autor de *Sob o signo da verdade*? Claro que o proceder na nossa comunicação social não tem sequer a virtude da originalidade. A literatura da especialidade documenta até à exaustão a universalidade do fenómeno. O romancista e notável crítico inglês, Arnold Bennett, observava que «os jornalistas dizem uma coisa que sabem não ser verdadeira, na esperança de que, se continuarem a dizê-la, ela se torne verdadeira». Goebels, o famigerado fantecho de Hitler, operava exactamente assim. É o caso das historietas sobre o urinol sumptuário da Ajuda ou sobre a «venda exclusiva» das fotografias do casamento. Quer Carrilho queira, quer não, estas lendas vão continuar coladas à sua biografia. Ele próprio, um dia, já não saberá se não terão sido verdade...

Dizia o romancista americano Norman Mailer, autor do famoso romance *Os Nus e os Mortos*, que «desde que um jornal meta as mãos numa história, os factos perdem-se para sempre, mesmo para os protagonistas» (sublinhado nosso). É este o lado mais perverso desta estratégia da comunicação social: «Arranja primeiro os teus factos», dizia Mark Twain, com sarcasmo, «só depois os podes distorcer à tua vontade.» Twain ainda tinha escrúpulos: obter, primeiro, os factos. Alguma da nossa comunicação social tem o cuidado de não ir sequer verificar os factos: começa logo pela desfiguração... Num ou noutro caso, não se sabe bem se é hostilidade aos factos ou mera apatia. Mas na maioria dos casos, os factos dificultam a construção de uma «boa história». Logo, começa-se pelo fim.

Não se trata sequer de utilizar, de modo criativo

ou imaginativo, os factos, porque começa por não haver factos ou haver factos muito diferentes que não legitimam a história. «Tratar os factos com imaginação é uma coisa», dizia John Burroughs; «mas imaginar os factos é outra». No caso do urinol da Ajuda, por exemplo, havia uns factos (obras de manutenção de rotina em instalações colectivas) e, a partir daí, a imaginação não partiu do nada, mas foi provocada por algo que existia e não era de modo nenhum aquilo que a imaginação pôs a circular. Uma coisa sugeriu a ideia de outra coisa, o que não é bem o mesmo que tratar criativamente a primeira coisa.

Porquê tudo isto? Porquê este encarniçamento bastante generalizado – embora haja excepções honrosas – contra Carrilho? Suspeito bem que o principal factor é a sua inteligência. A inteligência nunca foi bem acolhida em Portugal. O homem inteligente, mais cedo ou mais tarde, paga-as. António Sérgio, Jorge de Sena, irritavam constantemente o lusíada patego. Estavam mais informados, ligavam melhor as coisas, punham tudo em perspectiva, contrariavam constantemente as generalizações pacóvias dos provincianos. Régio irritou constantemente toda a gente, com as suas objecções, as suas dúvidas, os seus reaprofundamentos, a sua «mania da análise». «Fulano é demasiado inteligente para o meu gosto», eis uma expressão bastante lusíada – e não só: os ingleses têm uma idêntica: *He is too clever by half*.

Montherlant, sempre ele, num dos últimos textos que escreveu, antes de se suicidar, e publicado no livro *La Marée du Soir*, observa com claridade perversa: «De tous temps, depuis la tragédie grecque et l'Écclésiaste, et sans doute bien avant eux, on a dénoncé le malheur de l'intelligent, de celui 'qui sait'. Et en effet, l'intelligent est sans cesse ulcéré par le monde, gorgé de non-intelligents et conduit par non-intelligents. L'intelligent ne peut s'insérer, ou s'insère mal, dans une mécanique dont il voit l'absurdité ou la vanité; sa différence le voue à la haine, peut-être à la persécution.»* Já vê, Carrilho, que dificilmente há saída. E, depois, aquele seu desenvolvimento abandono do Ministério da Cultura, diante do olhar ressentido de tantos que gostariam de ser ministros... Aquele seu «quem percebe Kant também percebe o Ministério da Cultura...» – bem vê, é demais. Há que pagar uma factura, para aplacar os deuses invejosos e quase sempre mesquinhos. Se quer fazer carreira, disfarce os seus dons, esconda a sua inteligência, faça-se mesmo um pouco medíocre. Lembre-se da astuta máxima da La Rochefoucauld (a nº 245): «C'est une grande habileté que de savoir cacher son habileté.» ●

* «Desde tempos imemoriais, desde a tragédia grega e do eclesiastes, e, sem dúvida, de bem antes disso, tem-se denunciado a desgraça do inteligente, daquele 'que sabe'. E, de facto, o inteligente é incessantemente ulcerado pelo mundo, empanturrado de não-inteligentes e dirigido por não-inteligentes. O inteligente não consegue inserir-se, ou insere-se mal, num mecanismo de que vê o absurdo ou a vacuidade; a sua diferença vota-o ao ódio, talvez à perseguição.»



Manuel Maria Carrilho, *SOB O SIGNO DA VERDADE*, Dom Quixote, 207 pp, 16,66 euros